

## Contribuições da educação popular para ler e transformar o contexto atual: como se fosse uma entrevista com Osmar Fávero

*Contributions of popular education to reading and transforming the current context: like it was an interview with Osmar Fávero*

*Contribuciones de la educación popular a la lectura y la transformación del contexto actual: como si fuera una entrevista a Osmar Fávero*

Jane Paiva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

janepaiva27@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3501-8740>

Osmar Fávero

Universidade Federal Fluminense

ofavero@gmail.com

### RESUMO

O artigo, produzido face às restrições do momento atual, faz, metodologicamente, uma espécie de “entrevista imaginária” com Osmar Fávero, sem perguntas e respostas, mas partindo de pensamentos e reflexões transcritos de vídeos gravados, disponíveis no YouTube. Em seguida, os escritos foram submetidos ao “entrevistado”, que refez imprecisões da captura, colocando-se no registro dessas memórias como o pesquisador que sempre foi: cuidadoso, atento, fiel e rigoroso na produção da história da educação popular e da educação de jovens e adultos. O esforço dessa (quase) entrevista foi exercido para pôr a lume o memorialista e a riqueza de uma vida e trajetória profissional que atuou sem trégua pela preservação de imenso material, reunido em dois preciosos acervos em DVD, um deles um verdadeiro thesaurus, que revela o conhecimento e o saber de um tempo histórico de experiências inovadoras no campo da educação. O artigo, pela recriação da narrativa de Osmar Fávero, contribui para a democratização da memória e da história da educação, quando se celebram os 100 anos de nascimento do educador pernambucano Paulo Freire. Contemporâneo que foi de Paulo Freire em andanças e produções, trazer suas lembranças nesse artigo entrelaça-o com a presença e influência de Freire nas inovações de educação popular vividas naqueles inesquecíveis anos de 1958 a 1964 e que marcam a educação até os tempos atuais.

**Palavras-chave:** Osmar Fávero. Educação popular. Memória e história. Entrevista imaginária.

## ABSTRACT

*The article, produced in light of the restrictions of the current moment, is methodologically a kind of “imaginary interview” with Osmar Fávero, without questions and answers, but based on thoughts and reflections transcribed from recorded videos, available on YouTube. Then, the writings were submitted to the “interviewee”, who redid the inaccuracies of the capture, placing himself in the record of these memories as the researcher he always was: careful, attentive, faithful and rigorous in his production on the history of popular education and youth and adult education. The effort of this (almost) interview was exerted to bring to light the memoirist and the richness of a life and professional trajectory that worked relentlessly for the preservation of immense material, gathered in two precious DVD collections, one of them a true thesaurus, which reveals the knowledge of a historical time of innovative experiences in the field of education. The article, by recreating Osmar Fávero's narrative, contributes to the democratization of the memory and history of education, when the 100th anniversary of the birth of the educator Paulo Freire is celebrated. A contemporary of Paulo Freire in his wanderings and productions, to bring his memories in this article intertwines him with Freire's presence and influence in popular education innovations experienced in those unforgettable years from 1958 to 1964, which mark education up to the present time.*

**Keywords:** *Osmar Fávero. Popular education. Memory and history. Imaginary interview.*

## RESUMEN

*El artículo, elaborado a la luz de las restricciones del momento actual, es metodológicamente una especie de “entrevista imaginaria” a Osmar Fávero, sin preguntas y respuestas, pero basada en pensamientos y reflexiones transcritas de videos grabados, disponibles en YouTube. Luego, los escritos fueron sometidos al “entrevistado”, quien rehizo las inexactitudes de la captura, ubicándose en el registro de estos recuerdos como el investigador que siempre fue: cuidadoso, atento, fiel y riguroso en la producción de la historia de la educación popular y educación de jóvenes y adultos. El esfuerzo de esta (casi) entrevista se realizó para sacar a la luz a las memorias y la riqueza de una vida y trayectoria profesional que trabajó incansablemente por la preservación de un inmenso material, reunido en dos preciosas colecciones de DVD, uno de ellos un verdadero tesoro, que revela el conocimiento y el conocimiento de una época histórica de experiencias innovadoras en el campo de la educación. El artículo, al recrear la narrativa de Osmar Fávero, contribuye a la democratización de la memoria y la historia de la educación, cuando se celebra el centenario del nacimiento del educador de Pernambuco Paulo Freire. Contemporáneo de Paulo Freire en andanzas y producciones, traer sus recuerdos en este artículo lo entrelaza con la presencia e influencia de Freire en las innovaciones de la educación popular vividas en esos años inolvidables de 1958 a 1964, que marcan la educación hasta nuestros días.*

**Palabras clave:** *Osmar Favero. Educación popular. Memoria y historia. Entrevista imaginaria.*

## Introdução

A escrita de um artigo como este, juntando orientador e orientanda (porque por mais que o tempo passe essa relação não se apaga...), traz muitos desafios, especialmente depois que o orientador, vigoroso pesquisador e escavador de memórias, além de exímio

contador de histórias, põe em suspenso sua vida acadêmica e passa a decidir quando, em que e sobre o que deseja tratar e partilhar.

Na condição de orientanda, respeitando os tempos do meu (sempre) orientador, tive de decidir de que modo trazê-lo ao texto, sem que adentrasse seu tempo suspenso, sua ausência física de tantos espaços de que ainda partilhávamos em eventos, bancas, conversas e diálogos sobre percursos de pesquisa. Precisei acionar minha “louca da casa que mora em um sótão” (no dizer de Rosa Montero, 2004), a *imaginação*, para recriar as muitas e tantas entrevistas que ele foi chamado a dar ao longo da carreira — com esse tema predileto que, nem assim, deixa de ser necessário e novidade para muitos leitores. Assim, não o importunaria com um pedido adicional de entrevista virtual, em tempos pandêmicos. Pensei, então, que poderia transcriar (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 133)<sup>1</sup>, a partir de alguns vídeos de eventos de que participou e de entrevistas concedidas que facilmente circulam no *YouTube*, uma “entrevista imaginária”, mas possível nesses tempos absurdos. Essa pseudo-entrevista (que poderia ter sido feita entrevista diretamente com ele), traria sua própria palavra com entremeios de algumas observações que eu mesma fosse fazendo sobre o tema, sendo também estudiosa do campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e com produções e compreensões sobre a temática. Em seguida, o texto escrito a ele apresentado — e que efetivamente aconteceu — possibilitaria que pudesse aperfeiçoá-lo, fazer correções que essa “entrevistadora” não tivesse captado com fidelidade em vídeos e materiais disponíveis, especialmente porque, falas orais, quando transcritas (ou mesmo transcriadas), valem-se do recurso de ir e voltar, retomar, quebrando linearidades que o escrito, no mais das vezes, não admite, pela necessidade de inteligibilidade do texto. Assim, buscando as muitas e ricas contribuições que Osmar foi deixando no rastro de seus passos, por onde tenha andado, vali-me do tempo mais recente e de suas tecnologias que produzem novas linguagens, para ser ajudada na tarefa de fazer com que suas memórias, investigações, andanças, participações pudessem ser partilhadas sem que se invadissem, demasiadamente, sua vida privada.

Assim, inventei esse modo de produzir com/sem ele presente, mas com a virtualidade possível mediando esses muitos vídeos gravados e disponibilizados na internet. Minha primeira tarefa foi selecionar aqueles que mais intensamente traziam a discussão do tema da educação popular como nascedouro de tantas experiências iniciadas

---

<sup>1</sup>Os autores conceituaram como transcrição, ou seja, ação transformada, ação recriada “[...] de uma coisa em outra, de algo que, sendo de um estado da natureza, se torna outro”.

na cultura popular — valorizada e base para aproximar homens e mulheres, de classes populares, de um saber sempre a eles negado, e que se exigia para pensar outro projeto de país. Com a transcrição de muitos trechos e episódios de diversos vídeos, organizei histórias, comentários, reflexões em “categorias”, vamos assim chamar, aproximando as ideias e as muitas formas como as foi desenvolvendo em tantas abordagens do tema. Mas nada disso foi suficiente, e nosso entrevistado, lendo e revendo a organização do texto, passou a contribuir de modo especial, significativo, o que favoreceu a todos nós, leitores, pela riqueza de lembranças e memórias que ainda a ele aportou, refazendo imprecisões da captura, devolvendo a cronologia histórica, enfim, colocando-se no registro dessas memórias como o pesquisador que sempre foi: cuidadoso, atento, fiel e rigoroso na produção da história da educação popular e da educação de jovens e adultos. Por isso, este artigo pode demonstrar dois estilos diversos em vários momentos, porque enlaçou narrativas transcritas e revistas, reescritas pelo “entrevistado”, com reflexões aparteadas da “entrevistadora”. Criou-se, pode-se dizer, um texto híbrido, que não quis perder o tom da narrativa oral, ainda quando revisto e trançado com um texto, desde o início, próprio da cultura escrita. A manutenção desse hibridismo, intencional, tentou garantir características de entrevistas orais, quando a liberdade do dizer leva a narrativas mais dinâmicas, com idas e voltas, coloquiais e, sobretudo, trançadas com as memórias escavadas.

Especificamente quanto à EJA, nas décadas recentes, teve seu campo conceitual tanto vinculado aos sujeitos a quem se destinava — os adultos e, por isso mesmo, denominava-se educação de adultos — quanto ao tipo de intervenção pedagógica feita, restrito, no mais das vezes, à alfabetização e à pós-alfabetização. Caracterizou-se, ainda, por ser, quando atendimento de massa, de cunho governamental, mantida por instâncias oficiais e marcadamente com concepção compensatória, para pessoas consideradas “culpadas” por não saberem ler e escrever. O que se conhece por educação popular, esteve vivenciada por sujeitos populares adultos em iniciativas da sociedade, com natureza epistemológica e ideológica diferente de projetos/ofertas governamentais, resumia-se a *experiências*, atingindo grupos limitados, mas potentes ações que, intencionalmente, fortaleciam populações portadoras de cultura e saberes, embora interdadas de direitos, e às quais passava-se a conferir poder pelo domínio de conhecimentos, a partir da leitura e da escrita. Eram poucas numericamente, porém as lições dessas experiências fundaram modos novos de compreender a histórica realidade do analfabetismo e criaram

abordagens que, ainda hoje, são pouco utilizadas, pela hegemonia dos chamados métodos e conteúdos formais da escola.

Não teremos, portanto, perguntas e respostas, mas a organização de pensamentos e reflexões que o entrevistado fez sobre a transcrição de vídeos, no esforço que exerci diante da riqueza de um material que precisava pôr a lume, sem que ferisse o conhecimento e o saber dispensados pelo pesquisador-narrador em todas as falas acessadas. Para iniciar essa conversa/entrevista, faço sua apresentação e, por meio dela, em diálogo com suas ideias, desdobra-se o tema que integra este dossiê. Celebrar Paulo Freire no centenário de seu nascimento far-se-á pelo entrecruzamento das trajetórias do conhecido educador e de Osmar Fávero, naqueles inesquecíveis períodos de experiências inovadoras, que marcam a educação até os tempos atuais.

Algumas referências sobre quem é Osmar Fávero, portanto, são indispensáveis — porque, embora bastante conhecido, há gerações leitoras mais novas que podem não o conhecer como nós — e, em seguida, faço com que suas interpretações da história da educação de adultos e da educação popular tenham lugar nessa (quase) entrevista, mediadas por algumas considerações, enlaçando suas narrativas.

O legado de Paulo Freire e de Osmar Fávero para o campo da educação popular e da educação de jovens e adultos é inegável e, por isso, aproximá-los, nessa celebração de 100 anos de nascimento de Paulo Freire, é uma justa homenagem que se põe em diálogo, por tantos pontos em comum.

## Quem é nosso entrevistado

Osmar Fávero licenciou-se em Matemática pela antiga Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1960. Havia começado o curso na Universidade de São Paulo (USP), onde iniciou a militância na Juventude Universitária Católica (JUC), mas transferiu para o Rio de Janeiro em 1957, para compor a equipe coordenadora do movimento em plano nacional. Nesse período acompanhou de perto as aguerridas disputas relativas à primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o que o fez optar por dedicar-se à área de educação. Imediatamente após formado, começou a trabalhar no Movimento de Educação de Base (MEB), recém-criado, um convênio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) com o Governo Federal, para implantação de ampla rede de escolas radiofônicas no meio rural. Afirma ter sido esta sua melhor experiência profissional, que o inseriu na educação popular.

No início de 1964, como representante do MEB, compôs a Comissão Nacional de Cultura Popular, que teve curta existência porque extinta logo após o golpe civil-militar de 31 de março de 1964<sup>2</sup>. Em 1966, com o estreitamento de horizontes para os trabalhos do MEB, demitiu-se e foi contratado pelo Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), depois Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), do qual foi demitido em 1972, por motivos políticos.

Havia começado a cursar o primeiro mestrado em educação criado pela PUC-Rio em 1967, mas só conseguiu terminá-lo em 1973, passando imediatamente a atuar na mesma PUC-Rio como professor, até 1990. Simultaneamente, lecionou também no Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE), prestigioso mestrado em educação da Fundação Getúlio Vargas, de 1974 a 1994. Nessas duas instituições começou a orientar regularmente dissertações sobre experiências de cultura popular e educação de adultos, sobretudo do MEB, e sobre a política de ensino supletivo do Ministério da Educação (MEC), assim como reunir a documentação produzida para elas e por elas.

Matriculou-se no doutorado em Filosofia da Educação da PUC-SP em 1977 mas, por dificuldades do trabalho, só conseguiu concluí-lo em 1983, com uma tese sobre a prática educativa do MEB. Neste mesmo ano, com a criação de grupos de trabalho pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), foi convidado a assumir a coordenação do Grupo de Trabalho (GT) de Educação Popular. Em seguida, assumiu uma vice-presidência dessa Associação no biênio 1983-1984 e a presidência em 1985-1989. Neste último período aconteceu a Assembleia Nacional Constituinte, quando houve a oportunidade de intensa participação das entidades ligadas à área da educação, em particular do grupo organizado no Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública<sup>3</sup>. Mesmo sem a virulência dos anos 1958-1959<sup>4</sup>, renovaram-se as discussões sobre o público

---

<sup>2</sup>Informação disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>>.

<sup>3</sup> O Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública na Constituinte foi criado em Brasília, no dia 9 de abril de 1987, por iniciativa da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES), articulando-se com as entidades ANDE, ANPEd e CEDES. Na mesma semana, foi instalada a subcomissão de Educação, Cultura e Esporte da Assembleia Constituinte. Integraram o Fórum quinze entidades nacionais, científicas, sindicais e estudantis que elaboraram uma Carta de Princípios em torno das proposições para a educação na Constituinte.

<sup>4</sup> Após anos arquivado na Câmara dos Deputados, o primeiro projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi repostado em discussão, em 1958, com um substitutivo apresentado pelo deputado Carlos Lacerda, da UDN. Por ser radicalmente privatista, provocou a criação de amplo movimento nacional em defesa da escola pública, liderado por Florestan Fernandes, de São Paulo e Anísio Teixeira, do Rio de Janeiro.

e o privado na educação, e introduziu-se com força a discussão sobre o direito universal à educação, inclusive para jovens e adultos não escolarizados.

Em 1994 ingressou como Professor Titular na Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo sido aposentado em 2003, compulsoriamente por idade, mas continuando a atuar como professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Educação até 2018. Na UFF, em 2015, recebeu a distinção de Professor Emérito. Mantém-se, ainda, como ativo pesquisador e organizador-preservador de acervos que contam nossa história nos campos da educação popular e da educação de jovens e adultos. Sua obra mais conhecida e referencial é *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*. Ser incluído nessa conversa pelo tanto que fez e faz, nos auxilia e guia nas lutas em torno do que tem significado, historicamente, lidar com a *memória* dessas lutas e conquistas de educadoras e educadores brasileiros em nome do *direito à educação para todos*. Esta é uma luta nacional em torno da educação popular e da educação de jovens e adultos que preserva, conserva, organiza materiais, documentos, experiências e registra tudo o que se viveu nesse campo que, do contrário, estaria praticamente perdido ou disperso pelo país.

## Sentidos para a educação popular

Provocado, inicialmente, quanto ao que significa educação popular, exigia-se resposta em breve síntese. A partir dessa síntese, desdobrou-se o tema tão caro à produção e trajetória do entrevistado, ao longo da vida profissional, quando então ter-se-á chance de lhe ouvir um pouco mais.

Osmar Fávero afirma que educação popular não é uma educação oferecida ao povo, com todo “aquele” conteúdo da escola regular; não é uma educação *para* o povo, mas uma educação *com* o povo e, em alguns momentos, feita *pelo* próprio povo, com a intenção de entender a realidade vivida pelas pessoas, para que pudessem criticá-la, ao mesmo tempo em que começavam a dominar os instrumentos de sua transformação; obviamente, o que dava essa condição era a perspectiva *política*.

Como esperado, a síntese traz, inevitavelmente, a necessidade de desdobramentos. A produção histórica sobre educação popular tem sido compreendida principalmente com base em estudos de Carlos Rodrigues Brandão (1980 e 1984), de Celso de Ruy Beisiegel (1974 e 1982) e do próprio Osmar Fávero (1983 e 2006), nosso entrevistado, como motivação à resistência social a um modelo de dominação das classes populares, que as mantém apartadas dos direitos de cidadania, entre os quais se incluía a educação. Esta

história levou Paulo Freire ao desenvolvimento da *Pedagogia do oprimido*, quando exilado no Chile, não sem antes passar por breve incursão na política pública, no mesmo governo em que foi deposto João Goulart (um dos muitos golpes da história do Brasil que se repetem ainda na atualidade).

As ações de educação popular que passaram com ênfase à história, em sua maioria, não nasceram do poder público, mas da luta e da resistência social a projetos de dominação que, desde a República, conformaram — e ainda conformam — a nação brasileira. Estudantes e intelectuais, junto a grupos populares, desenvolveram novas perspectivas de cultura e educação popular no início dos anos 1960.

## A grande descoberta desse tempo

A grande descoberta desse tempo, nos conta Osmar Fávero, pode ser traduzida pela perspectiva política da *cultura popular*, que engravidou a perspectiva política da educação de base, e que gestou a *educação popular*. A educação popular nasceu como subsidiária da *cultura popular*. À época da efervescência da educação popular, os ares eram outros —ingenuidades e loucuras à parte, de tentar fazer a revolução. Mas aí estava o começo.

No início dos anos 1960, muitas iniciativas são exemplos do que foi o fértil período da educação para adultos pensada na sociedade, enraizada na cultura popular. Depois do golpe de 1964, interrompe-se o Programa Nacional de Alfabetização coordenado por Paulo Freire, e extinguem-se programas, movimentos e campanhas por constituírem, segundo os novos donos do poder, ameaças à ordem. A educação popular foi, então, minada pela desconfiança e pelas práticas da repressão que prendem e isolam, até o exílio, muitas lideranças. Osmar Fávero traz, em seu relato, maiores detalhes dessa época, um tema caro a seus estudos. Cabe ouvi-lo sobre a grande descoberta desse tempo, de um modo de pensar a educação, situando uma história que acompanhou bem de perto, participou em certa medida e conservou, em acervos pessoais depois institucionalizados e que, hoje, são tesouros que guardam grande parte dessa história.

## Germinando a educação popular: a potência da sociedade

Cabe uma recuperação histórica para melhor situar as iniciativas do período: o governo federal só se envolveu com a educação de adolescentes e adultos no final dos anos 1940, quando acabava a ditadura do governo Getúlio Vargas, que durou 20 anos.

Começava-se a remontar os partidos políticos, a discutir um modo diferente de organizar a sociedade, que vinha sendo industrializada nas grandes cidades. Era um jeito novo de pensar o Brasil, a cidade, a partir da indústria — nesse momento ainda havia muito mais população no campo do que na cidade, mas a população do campo já estava começando a migrar para as cidades, após a chegada de migrantes espanhóis e italianos. Começou-se, então, uma grande Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, em 1947. Simultaneamente, o governo federal se lançava a construir mais escolas na cidade e a pensar na educação de adolescentes e adultos basicamente para o meio rural. Havia o “sonho” de evitar migração para as cidades e tentar diminuir o índice de analfabetismo, sempre maior no campo. Depois que esse tempo passou, criticava-se a Campanha como uma “fábrica de eleitores”; mas nela, efetivamente, se fez a escolarização de milhares de adolescentes e jovens durante mais de dez anos. No início dos anos 1950, visando impedir o esvaziamento dessa Campanha, passou-se a ter um movimento de trabalhar com as comunidades no tocante à higiene, à saúde e ao desenvolvimento rural, assim como a formação de professores. Foi criada a Campanha de Educação Rural, promovida pelo Ministério da Educação e da Saúde (como era denominado à época), juntamente com o Ministério da Agricultura.

Em 1958 aconteceu, no Rio de Janeiro, o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, promovido pelo Ministério da Educação e Saúde. Nele se fez ampla revisão da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos e a apresentação de propostas para novas formas de ação. A proposta mais original foi formulada pelo grupo de Pernambuco, relatada por Paulo Freire: uma nova concepção de educação de adultos, para além da alfabetização, que passou a ser sintetizada nos anos 1960 como: “o analfabetismo não é o problema; alfabetizar não é a solução”. O governo federal, no entanto, não assumiu nenhuma dessas propostas, mesmo porque passava a entender a educação de adultos como preparação imediata para as tarefas do desenvolvimento. Era o período do Governo Juscelino Kubitschek, no qual a “ideologia de desenvolvimentismo” fundamentava e justificava os esforços do crescimento industrial.

A abertura democrática e o forte clima ideológico dos anos 1950, principalmente após a Revolução Cubana de 1959, foram decisivos para a criação dos movimentos de cultura popular do início dos anos 1960, dentre eles: Movimento de Cultura Popular (MCP) e Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler, logo após a eleição de, respectivamente, Miguel Arraes como prefeito de Recife e Djalma Maranhão, prefeito de

Natal; Movimento de Educação de Base(MEB); Centro Popular de Cultura(CPC), nascido na União Nacional dos Estudantes (UNE), sob liderança de jovens intelectuais e artistas, alguns deles originários do Teatro de Arena de São Paulo; Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR) – única experiência que se intitulou, inovadoramente, como de educação popular.

Paulo Freire pertencia ao MCP e sua primeira experiência em alfabetização de adultos deu-se no Centro Dona Olegarinha, um lugar histórico de Recife. Tentou, junto com sua esposa Elza, motivar a alfabetização com a projeção de uma imagem, embaixo da qual estava escrito seu nome—a pessoa conhecia a imagem e a associava à palavra; em seguida, desdobrava-se a palavra em sílabas que, combinadas, permitiam a formação de outras palavras. Deixando o MCP para coordenar o Serviço de Extensão Cultural da recém-criada Universidade do Recife, junto com excelente equipe, Paulo Freire sistematiza a experiência do Centro Dona Olegarinha num sistema de educação de adultos, cuja etapa inicial, de alfabetização, vai ser experimentada, no início de 1964, em Angicos, um município rural do Rio Grande do Norte, dando origem ao que ficou conhecido como “método Paulo Freire”.

As cenas iniciais da série de *slides* utilizada em Angicos apresentavam situações muito simples: um homem, depois um homem e uma mulher, frente a coisas de natureza e a coisas de cultura. Coisas de natureza, por exemplo, uma árvore, um animal; coisa de cultura, um pote, um sapato, sempre buscando diferenciar entes de natureza e de cultura, num crescendo, até colocar o alfabetizando em atitude ativa de transformador da natureza pela cultura. A partir daí, introduzia-se uma série de palavras geradoras, cada uma delas com uma imagem, criando uma “situação de aprendizagem”. Desdobravam-se as palavras em sílabas que, combinadas, davam origem a outras palavras e, com isso, fazia-se o processo de alfabetização.

Paulo Freire conseguiu fazer, nesse modo de trabalhar, uma inovação fundamental: iniciar o processo de alfabetização com a discussão da cultura. Com isso, criava uma atitude francamente positiva entre os alfabetizandos: todos fazem cultura, seja escrevendo um livro, modelando o barro ou costurando uma roupa. Todos os movimentos de cultura popular do período trabalhavam com diferentes conceitos de cultura, mas foi

Paulo Freire (1979) quem colocou o conceito antropológico de cultura como ponto de partida e motor da ação educativa<sup>5</sup>.

Foi a isso que Osmar Fávero (2012), chamou de “Ovo de Colombo”: qualquer um poderia colocar um ovo em pé numa mesa, mas só conseguia fazer isto quem soubesse como fazê-lo.

Muitos foram a Angicos conhecer a experiência. O modo de trabalhar com o conceito de cultura “contaminou” vários movimentos e a inovação do “método” de alfabetização funcionou como um rastilho de pólvora, multiplicando-se em várias capitais em que funcionavam Centros de Cultura Popular, sobretudo aqueles criados pelo pessoal da Ação Popular<sup>6</sup>. Ao mesmo tempo, o termo *conscientização* tornou-se o conceito-motor da ação educativa, o modo de entender e criticar a realidade para transformá-la.

A alfabetização era uma tarefa prioritária no período, no bojo das proclamadas “reformas de base”. Os analfabetos eram impedidos de votar e acreditava-se que a formação de uma base eleitoral ampla, juntamente com a organização política das classes populares eram os primeiros e necessários passos para as reformas. Há um aspecto de que pouco se fala: os próprios americanos, naquele período, estavam alertas em relação ao Brasil, especialmente com os problemas do Nordeste, temendo que ali pudesse nascer outro polo de resistência à dominação americana, como a Revolução Cubana. Queriam também um processo mais eficiente e mais rápido de alfabetização, rejeitando as antigas campanhas tradicionais. Paulo Freire foi, então, convidado, com dinheiro da Aliança para o Progresso, a realizar uma experiência no interior do Rio Grande do Norte. Esta primeira experiência mexeu com o Brasil inteiro e fez Paulo Freire passar a ser conhecido em todo o país. Para iniciar a implantação do sistema de alfabetização, ele e sua equipe realizavam um curso breve, de alguns dias, sobre a realidade brasileira e os fundamentos do “método”. Ao lado da expansão, digamos, “natural” da implantação do “método”, o Ministro da Educação Paulo de Tarso promoveu uma segunda experiência numa cidade satélite de Brasília. Esse conjunto de experiências deu origem ao Programa Nacional de Alfabetização

---

<sup>5</sup> “[...] a cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com os outros homens” (FREIRE, 1980, p. 38).

<sup>6</sup> A Ação Popular foi um movimento político, uma espécie de “partido ideológico”, em termos gramscianos, criado por um grupo de militantes da Juventude Universitária Católica (JUC) no começo dos anos de 1960 e que passou a atuar fortemente na cultura popular e na organização de sindicatos rurais.

(PNA), criado no início de 1964 e extinto imediatamente após o golpe civil-militar de 31 de março.

O MEB, por sua vez, redefiniu o conceito de educação de base com que havia iniciado seus trabalhos e passou a ampliar as emissões radiofônicas para além das aulas de alfabetização. O contato direto com as comunidades o fez retomar a ideia de desenvolvimento de comunidade. Recusando a experiência americana, começou a trabalhar com as matrizes teóricas da experiência de animação cultural nas ex-colônias francesas recém-libertas na África, sistematizando a *animação popular*: um modo de trabalhar junto aos grupos populares, tomando as escolas radiofônicas como polos de atuação e organizando grupos de ação mais efetivos. Nesse momento, já se haviam implantado *ligas camponesas* e se iniciava a criação dos sindicatos rurais. Extrapolar o educativo da escola e ir para a ação política, via organização de classe nos sindicatos rurais, foi algo que se generalizou muito rapidamente. E, aí, volta-se a repensar a educação como o componente que instrumentaliza necessidades do trabalho das lideranças junto às comunidades, dos grupos populares: grupos de mulheres, grupos de adultos ligados a sindicatos rurais e, grupos de jovens, voltados para o esporte e para o lazer.

## O golpe civil-militar de 1964 e os danos causados

Osmar Fávero recupera, nesse item, a potência da sociedade e segue a narrativa, afirmando que, nestes primeiros anos de 1960, partia-se da cultura popular e dela fazia-se a educação popular. Curiosamente, no entanto, neste período, afirma, não se usava a expressão *educação popular*: ela começa a aparecer nos textos de revisão dos movimentos e a nomear as experiências das décadas posteriores.

Foi o período mais rico da história da educação chegando às camadas populares, tanto no campo, pelo MEB e pela CEPLAR, quanto nas cidades, pelas experiências do MCP e dos CPCs. A Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler, em Natal, criou um tipo de escola diferente para crianças pobres e um tipo de educação bastante diferente para jovens e adultos (ainda não se falava na categoria *jovens*). Tudo que foi feito, nesse momento, ligou-se muito fortemente não só com sindicatos urbanos, que já pediam aulas de alfabetização e de política a grupos universitários, quanto no meio rural.

Tudo isso foi radicalmente cortado a partir de abril de 1964, com o golpe civil-militar que, em dias, destruiu tudo. Muito material foi queimado. O que se tem hoje e está posto à disposição no Portal do Fórum EJA (<http://www.forumeja.org.br/>) e no Centro de

Referência e Memória da Educação Popular e EJA (CReMEJA, <http://cremeja.org/a7/>) ficou escondido — embaixo de caixa-d'água e em teto de igrejas (20 anos depois, um pacote caiu na mão de uma pessoa, porque o cupim comera a madeira do teto); ou estava enterrado. A ação de todos os movimentos foi interrompida. Apenas o MEB, por ser da Igreja Católica e ter proteção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, conseguiu, com muito sacrifício, manter seu projeto até 1966, mas depois foi reduzindo-o progressivamente.

## Breve síntese do tempo fértil que ficou na história... e como se atualiza a educação popular

Há, portanto, um período monumental da educação popular no Brasil, de 1961 a 1964, às vezes estendido de 1958 até 1966, com algumas tentativas que sobreviveram, timidamente, depois do golpe civil-militar de 1964. As experiências do período subsequente, nos anos 1970 e 1980, e algumas que duram até hoje, constituíram uma nova fase da educação popular, ainda pouco estudada. O que caracteriza essa nova fase da educação popular é, em primeiro lugar, a força dos movimentos sociais que, mesmo no período ditatorial, se organizam nos sindicatos alternativos, cuja experiência maior é a do ABC<sup>7</sup>, em São Paulo, que gera Luís Inácio Lula da Silva (Lula) como líder sindical e realiza a criação do Partido dos Trabalhadores (PT), tendo posteriormente o líder como candidato e, depois, Presidente da República. Em segundo lugar, foram os movimentos de bairro a nova realidade que substituiu, em parte, a militância dos sindicatos nas fábricas, por causa do estrito controle imposto à organização de trabalhadores. No meio rural os movimentos também têm continuidade, com muitas ações iniciadas pelo MEB, como as escolas radiofônicas, depois as escolas multimodais, a *animação popular* e, mesmo, a continuidade de algumas expressões das *ligas camponesas*.

Osmar relembra que tudo isso se fazia em surdina, com muito cuidado, configurando o que ele considera uma nova fase da educação popular, crítica da fase anterior, refazendo conceitos e discussões, particularmente a relação saber-poder, o saber das classes populares e o poder das classes médias, que faziam a formação de grupos das camadas populares. Esse foi, também, um momento importante das Igrejas Católica e

---

<sup>7</sup>A sigla ABC se refere a três cidades que, originalmente, formavam a região tradicionalmente industrial do estado de São Paulo, situada na região metropolitana de São Paulo, com identidade própria: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B); São Caetano do Sul (C). Também conhecida como ABCD, incluindo o município de Diadema na sigla.

Protestantes (metodistas, presbiterianas e luteranas). As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foram um fermento para a reflexão sobre a realidade. Decisivo o forte financiamento das agências internacionais ligadas a essas Igrejas, que apoiavam experiências de educação popular, não só no Brasil, mas em toda a América Latina.

## Um memorialista da história?

Osmar Fávero, pode-se afirmar, é um memorialista que guardou muitos e buscou outros documentos, livros, fotos, filminhos, livros didáticos, *folders*, materiais diversos. Soube organizá-los, nomeá-los, classificá-los, registrar os momentos de achados, anotar pequenas histórias. Como quem guarda *tesouros*... não para si, mas para serem devolvidos à sociedade, a quem pertencem, porque constitutivos da produção de todas as gentes, povos, culturas, em defesa do direito a aprender, a ser mais, a se educar para participar com as mesmas ferramentas das culturas escritas que acirraram e acirram, ainda hoje, as desigualdades.

Na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde atuou por tantos anos, pode-se encontrar, no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEDEJA) o acervo de mais de 2.000 documentos e 600 livros relativos à memória da educação popular e da educação de jovens e adultos, dos anos 1947 aos dias atuais. Isso o levou a editar, em 2015, uma caixa-box com três DVDs que recuperam a memória desse largo período de tempo.

Essa caixa-box com os três DVDs configura-se como um *thesaurus*<sup>8</sup>, um tipo de dicionário específico, cuidadosamente organizado por Osmar Fávero, contando com a ajuda de bolsistas de iniciação científica e de assistentes de pesquisa. Na organização desse *thesaurus*, o trabalho esteve circunscrito a reunir apenas documentos e livros, mais alguns filmes e vídeos, além de referir teses e dissertações. Isso foi posteriormente complementado por um projeto de entrevistas realizadas por Osmar Fávero e Gerson Carmo, da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), com seis pessoas ativas desse fértil período — desde os primeiros anos de 1960 até a atualidade<sup>9</sup>. As entrevistas podem ser ouvidas e, sempre que os entrevistados se referirem a algum material, como por exemplo, os Cadernos do NOVA, a busca no *thesaurus*, onde se encontra reproduzido, será bem-sucedida.

---

<sup>8</sup> Cf. a resenha de MACHADO, Maria Margarida. *Thesaurus* da educação popular e da educação de jovens e adultos. Resenha. *Rev. Bras. Educ.* v. 23, 2018.

<sup>9</sup>Cf. FÁVERO, Osmar; CARMO, Gerson. *Nos bastidores da memória. 50 anos de Educação Popular 1965-2015.*

Osmar Fávero volta a contar como essa nova fase do trabalho de organização da memória se fez e é a narrativa dele que leremos a partir desse momento.

As entrevistas realizadas com essas seis pessoas foram editadas em dois DVDs, reunidos numa caixa-box com o título *Nos bastidores da história: 50 Anos de Educação Popular (1965-2015)*. Tem início com uma longa apresentação (de Osmar Fávero) sobre os antecedentes da educação popular, sobre o período abordado e, nele, as maiores experiências agora denominadas de educação popular. Em seguida, Beatriz Costa relata sua inserção e participação militante no Centro Ecumênico de Informação (CEI), criado por membros de Igrejas Protestantes que haviam feito críticas à situação nacional e foram censuradas pelos colegiados maiores, especialmente após 1964. Como resistência, essas Igrejas criam um núcleo de assessoria aos movimentos de base. No período ditatorial, a informação era absolutamente fundamental: todos os jornais e revistas eram censurados; a informação não chegava ou chegava deturpada na base. Então, o CEI assessorava a reflexão dos grupos de base e divulgava informações, fazendo pequenos boletins com notícias e comentando-as. Mais tarde, incorporando alguns quadros católicos, transformase no Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), incrementa as atividades de assessoria e amplia-se, criando a revista *Tempo e Presença* e o *Aconteceu*, um instrumento fenomenal de análise da realidade. Era composto por uma coletânea de recortes de notícias dos jornais mais importantes do país sobre um determinado assunto: trabalho, educação, saúde, sindicalismo etc., em determinado período, introduzida por um bem elaborado documento de síntese e análise. O CEDI se desdobrou, depois de 20 anos (1974-1994), em três organizações, uma delas a Ação Educativa que continua até hoje.

Beatriz Costa narrou também, durante a gravação, a motivação para a criação do Nova Assessoria, Pesquisa e Educação (NOVA) — e, particularmente, a organização e o funcionamento do Conselho de Escola de Trabalhadores (CET) e, dentro dele, do Centro de Trabalho e Educação (CTC): a experiência fabulosa de uma escola de trabalhadores feita basicamente por trabalhadores, com assessoria de alguns técnicos, totalmente diferente da formação empresarial feita pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). A conversa com Beatriz Costa foi reveladora, porque, no universo da educação popular, não era conhecida a experiência desse conjunto de 10 ou 12 escolas, entre elas, particularmente a do CTC, que existe até hoje.

Depois de Beatriz Costa, passou-se a ouvir Letícia Cotrim, coordenadora da biblioteca do CEDI, no Rio de Janeiro (o CEDI tinha sede no Rio de Janeiro e em São Paulo; posteriormente, o núcleo do Rio de Janeiro é desfeito e incorporado por São Paulo). A ideia da documentação e da informação era importante para o Brasil e outros países da América Latina com regimes ditatoriais — Letícia afirma em seu depoimento ter participado, no período, de onze encontros na América Latina para discutir documentação, todos financiados por agências internacionais. O CEDI teve bastante influência em vários países latino-americanos, divulgando o modo de trabalhar com as camadas populares e, sobretudo, a proposta educativa de Paulo Freire. O livro *Educação popular e conscientização*, o primeiro sobre este tema, produzido no CEDI e publicado inicialmente no Uruguai, tendo Júlio Barreiro como autor, é uma síntese do conteúdo dos contatos e dos seminários realizados.

Outra entrevistada foi Aída Bezerra, atuante no MEB dos anos 1960 e uma das fundadoras do NOVA, *agência* que mais refletiu sobre e redefiniu a educação popular. São famosos os estudos de Aída Bezerra; Pedro Garcia; Regina Rocha, sobre a relação saber-poder; e de Beatriz Costa, sobre avaliação<sup>10</sup>.

Aída deixa o Nova e cria o Sapé, passando a coordenar, com Pedro Garcia, uma pesquisa de três-quatro anos sobre como alfabetizar adultos de camadas populares, aqui no Rio de Janeiro, com nova metodologia. Essa pesquisa indica dois problemas fundamentais na educação popular: a formação dos educadores e o material didático, e gera dois projetos: um para a formação de *agentes* que trabalhavam com camadas populares, nos movimentos sociais e em escolas –os *coletivos de formação*; e outro de produção das três edições do espetacular *Almanaque do Aluá*, material complementar para a educação de jovens e adultos.

Regina Rocha pertenceu à equipe do NOVA e foi sua última coordenadora, morreu imediatamente depois de encerrar as atividades dessa *agência*. É de saudosa memória; deixou um texto sobre a relação saber e poder absolutamente genial. Assim como o texto de Beatriz Costa, sobre como se forjam e devem ser avaliadas as experiências de educação popular, são textos nunca superados.

A última entrevista foi feita com Sérgio Haddad, pelo interesse maior de saber como a educação popular saiu do trabalho de alfabetização de adultos (embora tivesse

adolescentes, jovens, adultos nas classes de alfabetização) e da animação popular para trabalho de escolarização popular. Sérgio afirma que os movimentos sociais pediam escolas para as crianças e, então, o CEDI, e posteriormente a Ação Educativa, fazem um projeto de escolarização popular, a partir de experiência realizada na Grande São Paulo. Sérgio Haddad também coordenou, junto com Vera Masagão, para o Ministério da Educação, a produção de um conjunto didático para a EJA, distribuído para todo o Brasil. Posteriormente, realizaram experiência sumamente interessante de elaboração de material didático para a alfabetização de jovens e adultos, no projeto de seringueiros do Acre, renovando a metodologia de Paulo Freire, depois de 20 anos de silêncio. Essa experiência gerou a organização do sistema de educação do estado do Acre, nos anos 1980, de acordo com os princípios e as práticas da educação popular. Vera Masagão complementa a entrevista com Sérgio Haddad, informando sobre o projeto em vigor em Ação Educativa — organização não governamental (ONG) mais poderosa na atualidade —, ainda contando com financiamento internacional, com muita pesquisa, muito estudo e muita ação atuando, também, na cultura popular na Grande São Paulo.

## O legado de Osmar Fávero: o CReMEJA como espaço de memórias

Osmar Fávero compreendeu bastante bem como se pode fazer a democratização da sociedade pela preservação da memória. Há, certamente, muitos ângulos e perspectivas pelas quais é possível atuar em favor da democracia. Não há escalas, nem graus, nem prioridades, mas um complexo de ações exercitadas em defesa de que a história não seja, como lembra a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, uma história única<sup>11</sup>, pelo perigo que ela significa. Assim, os enredos e narrativas oficiais que costumam hegemonizar uma visão de história não contribuem para a democratização da sociedade, por enxergarem a realidade, sempre, por uma visão de classe. A história narrada pelos diversos protagonistas que a constituíram e sujeitos por ela afetados tem a possibilidade de romper com esta única visão de classe para demonstrar outros pensares, fazeres e táticas cotidianas de que lançam mão os que, à sua maneira, resistem, na luta pelo direito à

---

<sup>10</sup> Cf. <<http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/17-Educa%C3%A7%C3%A3o-Popular-I.pdf>> e <<http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/17-Educa%C3%A7%C3%A3o-Popular-I.pdf>>.

<sup>11</sup> Disponível em:

<[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt)>. Acesso em 10 jun. 2021.

existência digna. Preservar, portanto, o que pode dar a essas histórias “materialidade” de existir faz parte do sentido de democratizar a sociedade para se orgulhar dessas muitas memórias produzidas em tempos e espaços diferentes, em todos os cantos do país.

Osmar Fávero trouxe, nas muitas influências que exerceu em tantos de nós, muitas motivações para que também defendêssemos e atuássemos em favor da formação de um Centro de Referência e Memória da Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos (CReMEJA), no Rio de Janeiro. Com essa grande motivação inspirada na trajetória acadêmica de Osmar Fávero, levou-se adiante a ideia de reunir a memória de práticas, de iniciativas poderosas que produzimos como educadoras, como professoras e que não queremos que se percam para as futuras gerações, porque essa *memória* conta a história da educação popular e da educação de jovens e adultos.

Esse motivo-desejo começou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2008, quando pensamos originalmente uma Casa Popular de Cultura, na qual uma das atividades seria a *preservação da memória* e, as demais, a pesquisa e a formação continuada de professores. Dava-se conta, assim, de transformar o estímulo de Osmar Fávero — pesquisador incansável — em realidade institucional. Naquele momento, por conjunturas políticas favoráveis, levamos a proposta ao Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Governo Lula, quando nela havia uma equipe muito atuante no campo da educação de jovens e adultos, com quem as universidades tinham diálogo muito forte, muito estreito. O MEC comprou nosso projeto, não como projeto local, mas como *política pública*, nascida da demanda social, assumindo a ideia como *política* para todo o país.

Depois de uma série longa de ações em direção à constituição de projetos de centros de referência e memória, do ponto de vista da política pública, o programa foi interrompido e cada universidade envolvida permaneceu responsável por fazer, com alguns recursos recebidos do governo federal, a vida desse projeto. Com maiores e menores dificuldades, cada universidade envolvida foi dando conta de constituir, tratar e preservar os acervos recolhidos, no mais das vezes, de fundos pessoais. A *memória*, recolhida entre atores e protagonistas, pôde revelar mais do que pode dizer um acervo documental, em que se presume que o sentido está em si mesmo. Muitos participantes de experiências de educação popular, como Osmar Fávero nos apresentou, têm conservada a *memória* de um tempo, quando o projeto de país se sonhava pela emancipação das classes populares, livres do analfabetismo e da miséria, da opressão e da conformação com a

riqueza das elites, acumulada historicamente pela exploração da maioria da população. Pode revelar, ainda, a *perspectiva interpretativa* pela qual esses sujeitos se inseriram nessa história ao narrarem o vivido, reconstituindo, assim, outra história, diversa, complementar e crítica da versão oficial corrente, enriquecendo-a.

Articulada a outras ações do CReMEJA no Rio de Janeiro, reconduz seus membros a buscarem intervenções sociais em que os envolvidos se percebem como “fazedores de história” e portadores de *memória* viva, que não mais pode escapar do conhecimento sobre os tempos e espaços vividos.

De posse dessas referências epistemológicas sobre o campo, e ciente da existência de uma história da educação que não está presente na História da Educação (PAIVA, 2009); e de protagonistas cuja *memória* deve-se perpetuar em diferentes formas de registro e ressignificação de materiais e documentos, o Centro, assim, institui concepções de *história* e *memória* que lhe sustentam teoricamente. Concebe, portanto, sua atuação, pela preservação da *memória* como objeto vivo, permanente e, por isso mesmo, decorrente de ações de identificação, tratamento, interpretação e organização de materiais didáticos e educativos, e de resgate de documentação das experiências brasileiras, que se aliam a ações de continuidade de produção de *memória*, alimentando o tempo presente e futuro.

O acervo que constitui a *memória* da EJA — documental, fotográfica, em áudios, filmetes, *slides* etc. — começou a ser reunido para que sua preservação possibilitasse a reconstituição histórica e a proposição de novas produções, estudos e pesquisas.

Escavar e desvelar outras possíveis interpretações desses materiais, dos documentos, das imagens, dos vídeos preservados nesse Centro, do que já se conseguiu recolher até agora — em pesquisas de mestrado, de doutorado etc. — podem trazer novas visões e novas perspectivas que ainda não estavam visibilizadas. A riqueza do material faz com que se possa, escavando *memórias*, recontar a história da educação popular e da educação de jovens e adultos e trazer à cena perspectivas ainda não divulgadas. Esse é o compromisso que temos o tempo todo.

O interesse para a investigação de cunho histórico que o material suscita e a disponibilização da *memória* de um tempo fértil da educação popular e da EJA são débitos de estudiosos com a cidadania. O desejo de fazer emergir esse tempo e suas produções impulsionou a ideia de recuperação dessa memória e dessa história, de forma orgânica, e de acesso irrestrito a cidadãos que a cada dia mais se habilitam a conhecer o mundo e suas

produções, pelo uso qualificado de redes informáticas e da *web*, cuja virtualidade comporta o abrigo dessa memória, dando-a a conhecer e pondo-a em diálogo permanente.

Não fosse esse um forte motivo para a proposição, outro poderia ser agregado à história presente e passada da educação popular e da EJA: a necessidade de o país avançar ainda mais para consolidar seu acúmulo qualificado, assegurando um lugar de referência para melhor dialogar com outros países, especialmente latino-americanos, cuja história com a EJA tem similitudes fortes com a brasileira, além de influências e vínculos. Isto feito do mesmo modo que, reconhecidamente, o Brasil veio se aproximando de países africanos de língua portuguesa, cujas histórias, ao se entrelaçarem, devem ser preservadas.

Entender que a *memória* não é só o passado, mas que se produz *memória* no presente, e que somos produtores de *memória* o tempo todo com o que fazemos em nossas salas de aula não é suficiente: há que compreender a necessidade de registro sistematizado das experiências, das práticas, para que se possa dar guarida e proteção para as gerações futuras — e esse tem de ser o compromisso diário de cada um de nós que fazemos a educação no país. Trabalhar teórica e metodologicamente com essa perspectiva nas formações iniciais e continuadas de professores para e na educação básica e em cursos de extensão forjam nossas premissas do que significa formação docente, que não tem ponto de chegada, por se fazer ao longo de toda a vida pessoal e da trajetória profissional.

Abrigar a memória em um espaço pode fortalecer o sentimento de que:

Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo. (SARAMAGO, 2008).

Se esta memória — que nos habita sentimentalmente — puder ser apreendida em um espaço físico que ultrapasse os mares do passado em que alguns navegaram, como nosso entrevistado Osmar Fávero relatou, para compartilhar, coletivamente, lembranças das rotas, e transformar o espaço continuamente em direção ao futuro, produzir este espaço significa aprisionar, para sempre, mas sem grilhões, um passado que ainda vive entre nós, que deixa de ser pessoal e se faz coletivo, faz-se memória social.

## Referências

- BEISIEGEL, Celso de Ruy. **Estado e educação popular**. Um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Pioneira Editora, 1974.
- BEISEIGEL, Celso de Ruy. **Política e educação popular**. A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FÁVERO, Osmar (org.). **Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular**. Análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961-1966). Campinas, Autores Associados, 2006.
- FÁVERO, Osmar. As fichas de cultura do sistema de alfabetização: Paulo Freire: um “Ovo de Colombo”. **Linhas Críticas**. dez. 2012, v. 18, n. 37, p. 465-483.
- FÁVERO, Osmar; MOTTA, Elisa (orgs.). **Educação popular e educação de jovens e adultos**. 1. ed. Petrópolis: De Petrus *et Allii*; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015. DVD-Rom.
- FÁVERO, Osmar; CARMO, Gerson. **Nos bastidores da memória. 50 anos de Educação Popular 1965-2015**. Rio de Janeiro: CECIP: UENF, UFF, UERJ/CRemeJA, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- MEIHY, José Carlos S. Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- PAIVA, Jane. **Os sentidos do direito à educação de jovens e adultos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP *et Allii*; Rio de Janeiro: Faperj, 2009.
- SARAMAGO, José. **Palavras para uma cidade**. Disponível em <<http://caderno.jose-saramago.org/2008/09/17/palavras-para-uma-cidade>>. Acesso em 10 ago. 2010.

**Vídeos no Youtube:**

FÁVERO, Osmar. Conferência *Educação Popular: histórico e desafios* (parte 3). Universidade de Brasília / Faculdade UnB Planaltina. Auditório da Faculdade UnB Planaltina, nov. 2010. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=yTz7jI-8rMs&ab\\_channel=portalforumeja](https://www.youtube.com/watch?v=yTz7jI-8rMs&ab_channel=portalforumeja)>. Acesso em 31 maio 2021.

FÁVERO, Osmar. *Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos - Memória e História* (parte 03). Entrevista. Rio de Janeiro. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=NTSx-uKkNXE&ab\\_channel=portalforumeja](https://www.youtube.com/watch?v=NTSx-uKkNXE&ab_channel=portalforumeja)>. Acesso em 31 maio 2021.

**Submetido em 05/07/2021**

**Aprovado em 05/07/2021**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)